

AS FILHAS DE OIÁ

Líllian Pacheco

Projeto gráfico: Márcio Pial,
Lola Pérez e Ciro Pacheco

Lençóis - BA, 2015

Líllian Pacheco

As Filhas de Oiá

Série - Mitos e histórias das vivências
da Pedagogia Griô – vol V
Para crianças de 7 a 120 anos

Edição
Grãos de Luz e Griô
Lençóis - BA, 2015

FICHA CATALOGRÁFICA:

Pacheco, Lílian.

As Filhas de Oiá, Edição Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA, 2015

1. Mito. 2. Oiá. 3. Pedagogia Griô. 4. Cultura Negra. 5. Racismo.
6. Jarê. 7. Ancestralidade.

Dedicatória

Dedico este livro às educadoras e educadores que são parceiros na luta pela valorização da beleza e da consciência negra.

À Cristina Palazzo e todas as mulheres que buscam sua ancestralidade e feminilidade negra.



Conversas sobre o Racismo

Seu cabelo é de verdade? Por que você não corta abaixo ou alisa este cabelo? Quer que eu dê um jeito para ele ficar bonito?

Você é parda, mulata, moreninha, não é negra. Somos todos mestiços. Um tambor na escola? Sai daqui moleque! Agora tudo virou racismo. Antes não tinha isso na universidade. Coitado dos negros como eles sofrem! Eles se fazem de vítimas. Cotas deveriam existir para pobres porque um negro vai ter mais direitos do que um branco pobre? Os negros são descendentes dos escravos. Estão declarando que são negros só para ganhar o título da terra. Exu, tambor e macumba são coisas do diabo. África é um lugar cheio de animais, povos selvagens e pobreza. Neguinho vem prá cá só para aprontar. Como eles são fortes e sensuais! Até que ela é uma negra limpinha e bonitinha. Não pode usar roupa branca, nem colares aqui. Os negros são racistas com eles mesmos.

Todas estas falas são reflexos de ideologias e preconceitos racistas. Deslocar-se entre a inconsciência e desconhecimento histórico para o lugar da reflexão é uma travessia tão desafiadora quanto encantadora no campo afetivo-social, histórico-cultural, político-econômico.

Que caminho seguir? Resistir, investigar e recriar a sociedade? Ou se adaptar a preconceitos que lhe sucumbem à ignorância do oprimido ou lhe elevam à arrogância de opressor?

O fato é que o racismo contra os negros no Brasil se revela principalmente vinculado à da cor da pele, aquela mais, visivelmente, preta.

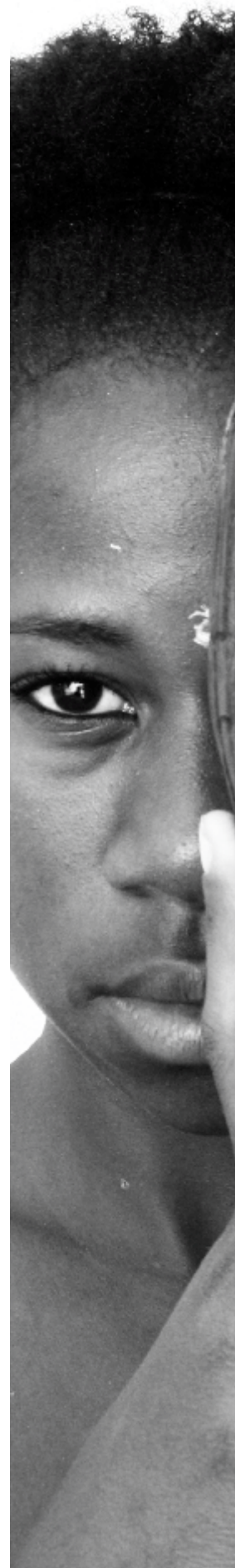
Projetos de embranquecimento do povo brasileiro foram, seriamente, pensados e realizados ao longo da história pelo governo brasileiro depois do fim do tráfico e escravidão de grupos étnicos africanos. Quanto mais claro, pardo, moreno, mulato, miscigenado menos negro e menos discriminação. Porém, os propósitos de uma sociedade racista vão muito além da estética e das características biológicas da cor preta, do cabelo crespo ou qualquer outra, refletem problemas históricos, econômicos e políticos mais amplos. A cor da pele e a estética negra são características físicas e culturais que se destacam como aspectos externos de discriminação e motivam a segregação.

Mas segregar para que? Quem vai servir de mão de obra para trabalhar e sustentar a cidade, as instituições e o mundo? Quem vai viver as condições de trabalho que os donos da terra, das riquezas e do poder almejam para si? Quem vai constituir a massa de mão de obra ou de consumidores? A maioria dos sistemas econômicos implantados no mundo não podem se desenvolver sem que haja uma maioria subjugada e para subjugar é preciso identificar alguma característica simbólica de segregação entre quem será dominador e quem será explorado. A cor da pele é bem característica.

As mulheres, os grupos LGBTQs, os povos originários, chamados de indígenas, os moradores do campo também formam a maioria de segregados pelo racismo e por outras formas de discriminação no Brasil, sendo a população negra e de mulheres a maioria da sociedade. Assim a mulher negra participa das duas maiorias discriminadas do país.

Mas para subjugar a pessoa negra é preciso desvalorizar culturalmente e convencer a sociedade que a cultura negra é subalterna e de menos valor. Assim, mentiras são reproduzidas geração a geração: que sua religião é do diabo, que sua ancestralidade é escrava, que sua musicalidade e ciência não são eruditas, que seu cabelo é duro, que seus traços estéticos são feios, que seu cheiro não agrada, que seus filhos são perigosos à sociedade, que a responsabilidade de estudar para se incluírem socialmente é totalmente deles. Qual cultura valorizada se torna mão de obra e mercado para aqueles que os desejam subjugar e explorar?

Os heróis, lideranças, militantes, cientistas, artistas e movimentos sociais, artísticos, culturais e científicos negros lutam e resistem - não somos pardos, nem morenos, muito menos mulatos e descendentes de escravos, e se afirmam - somos negros, somos afrodescendentes. A intenção é fortalecer a identidade cultural negra, integrar e articular politicamente os diversos grupos étnico-culturais afro-brasileiros, independente da cor da pele, como povo negro empoderado na transformação da sociedade. Mesmo dentro do mundo capitalista, resguardam espaços com valores culturais de convivência social, opostos aos valores econômicos do mercado e unem à luta de classes a luta pelo direito a identidade, a terra, a educação, a equidade de gênero. Uma vida vale muito em dignidade e consciência dentro da luta.





Enquanto educadora e mãe, quando participo de histórias de vida de pessoas de todas as idades que autodeclaram – Sou Negra, percebo que, para além do embate estético, ela está descobrindo e se identificando como parte do povo negro e com algumas das diversas lutas pelos seus direitos: o reconhecimento do lugar social que sua família ocupou na formação do povo brasileiro; o cultivo das terras, símbolos, mitos do povo negro; o reconhecimento e demarcação dos territórios quilombolas e de comunidades tradicionais; o respeito com as obrigações da família e religiosidade de terreiro; a resistência à intolerância criminosa religiosa; o acesso ao conhecimento da história do negro na África, na diáspora e no Brasil; a articulação de movimentos artístico-culturais e intelectuais de negros; a defesa de políticas afirmativas e de educação para negros; a proteção social de jovens negros de periferia; a implementação de currículos diferenciados de educação; o empoderamento e reconhecimento de heróis, artistas, griôs, cientistas, militantes com histórias de vida que possam trazer uma referência ou uma imagem positiva de ser negro.

Qual é a imagem em que a pessoa negra se identifica de verdade sem estereótipos estimulados de modo contrário às imposições capitalistas? Quem define ou idealiza essa imagem? Há autores que contestam uma imagem positiva de ser negro e a existência de uma identidade e de um povo negro, julgam que existem como idealização, como rótulos ou como categorização binária entre branco e negro.

Não existe uma identidade ou povo negro como termo vazio idealizado, constatado ou rotulado. A maioria dos brasileiros diz existir racismo no Brasil e a maioria diz não ser racista. Desde crianças, pessoas são violentadas e separadas pelo racismo. O racismo institucionalizado ataca o povo negro desde o nascimento no sistema de saúde e desde os primeiros dias de convivência com o sistema de educação hegemônico nas escolas. A linguagem do brasileiro é carregada de termos racistas. A sociedade brasileira aparta o povo negro territorialmente em escolas, bairros, comunidades e grupos de convivência social que são ameaçados pela violência e falta de acesso a políticas públicas. Indicadores econômicos e de risco social ameaçam a vida de pessoas negras todos os dias. Por idealização, determinismo, rótulo ou constatação é impossível que alguém diga sou negro e sustente sua palavra. Percebo que a autodeclaração significa um processo de identificação. A pessoa sente-se negra e escolhe todos os dias afirmar, existir, resistir e re-existir negra. Ela se desafia a ler e ressignificar simbolicamente a sua história de vida, buscar sua ancestralidade, amar sua cultura, ler e transformar a sua realidade social.

Mesmo nascendo com ancestralidade negra é preciso tornar-se negro ou negra ao tempo em que se conjuga o verbo enegrecer o mundo. Bem diferente de massificação e estereótipos, ser negro é um caminho de consciência e liberdade pessoal que se revela no caminhar com o outro e com grupos, comunidades e movimentos.

Para finalizar, com as licenças poéticas e sagradas, enquanto educadora peço a bênção aos mais velhos griôs e aos grãos de luz que me ensinam vivencialmente uma das tantas sabedorias de ser negro ou ser negra – é expressar existencialmente uma inteligência cultural humana coletiva e ancestral africana. É celebrar a vida juntando a fé, o encantamento, a cantoria, a ciência, a história de vida, a roda e a dança.

- Salve a beleza negra e a consciência negra. Salve!

Lílian Pacheco





Créditos

Autoria

Líllian Pacheco

Coordenação e produção

Líllian Pacheco e Márcio Pial

Projeto e arte gráfica

Márcio Pial, Lola Perez, Ciro Pacheco

Capa

Fotografia: Lola Perez

Arte gráfica: Márcio Pial e Lola Perez

Fotografia

Lola Perez e Ciro Pacheco

Modelo

Rose Lane Santos

Figurino e maquiagem

Lola Perez e Alvaro Gabriel Henriquez

Tratamento de imagens

Lola Perez, Ciro Pacheco e Márcio Pial

Revisão de textos

Lessi Pacheco e Delmar Alves de Araujo

Edição

Grãos de Luz e Griô, 2015

Impressão

Gráfica Santa Bárbara LTDA – Salvador - BA, 2015

Apresentação

As Filhas de Oiá é uma história entre tantas histórias que integram temas étnicos, estéticos e de gênero da cidadania no Brasil. Histórias vividas por jovens e educadoras que participaram dos cursos e vivências da pedagogia griô, especialmente a pesquisadora Cristina Palazzo e a atriz Rose Lane Santos.

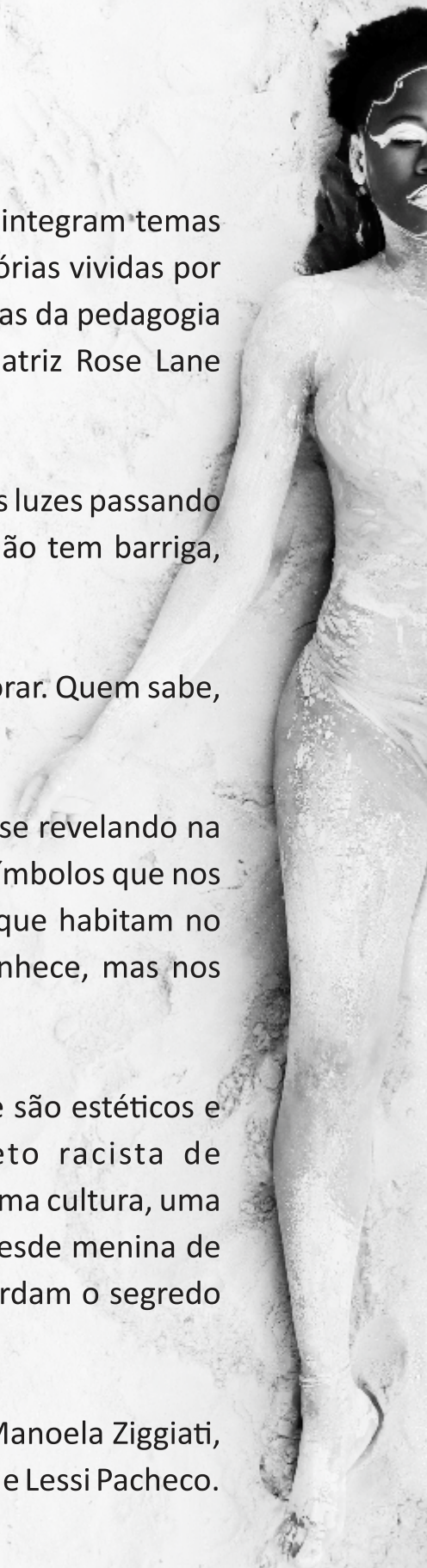
É uma história forte e instigante! Dá para ver as imagens e as luzes passando como um filme. Mesmo atravessando quatro gerações, não tem barriga, nada sobra. É concisa, justa e bem bonita.

Lembra o mito de Oiá e suas nove filhas. Dá vontade de chorar. Quem sabe, sabe por que vive esta história. E quem não sabe, aprende.

É real ou espiritual o final da história? É a espiritualidade se revelando na sacralidade do corpo, da dança, do canto, das cores e dos símbolos que nos trazem de volta para casa. De volta à vida os ancestrais que habitam no inconsciente livre, em um espaço onde ninguém nos conhece, mas nos reconhece.

O embate e a opressão da identidade e da ancestralidade são estéticos e precisam de libertação nesta dimensão. O projeto racista de embranquecimento afeta e se desdobra por gerações em uma cultura, uma economia e um corpo que nos negam, que nos arranca desde menina de nossas raízes. Mas os sonhos, os mitos e os símbolos guardam o segredo que nos afirma – sim, eu sou negra.

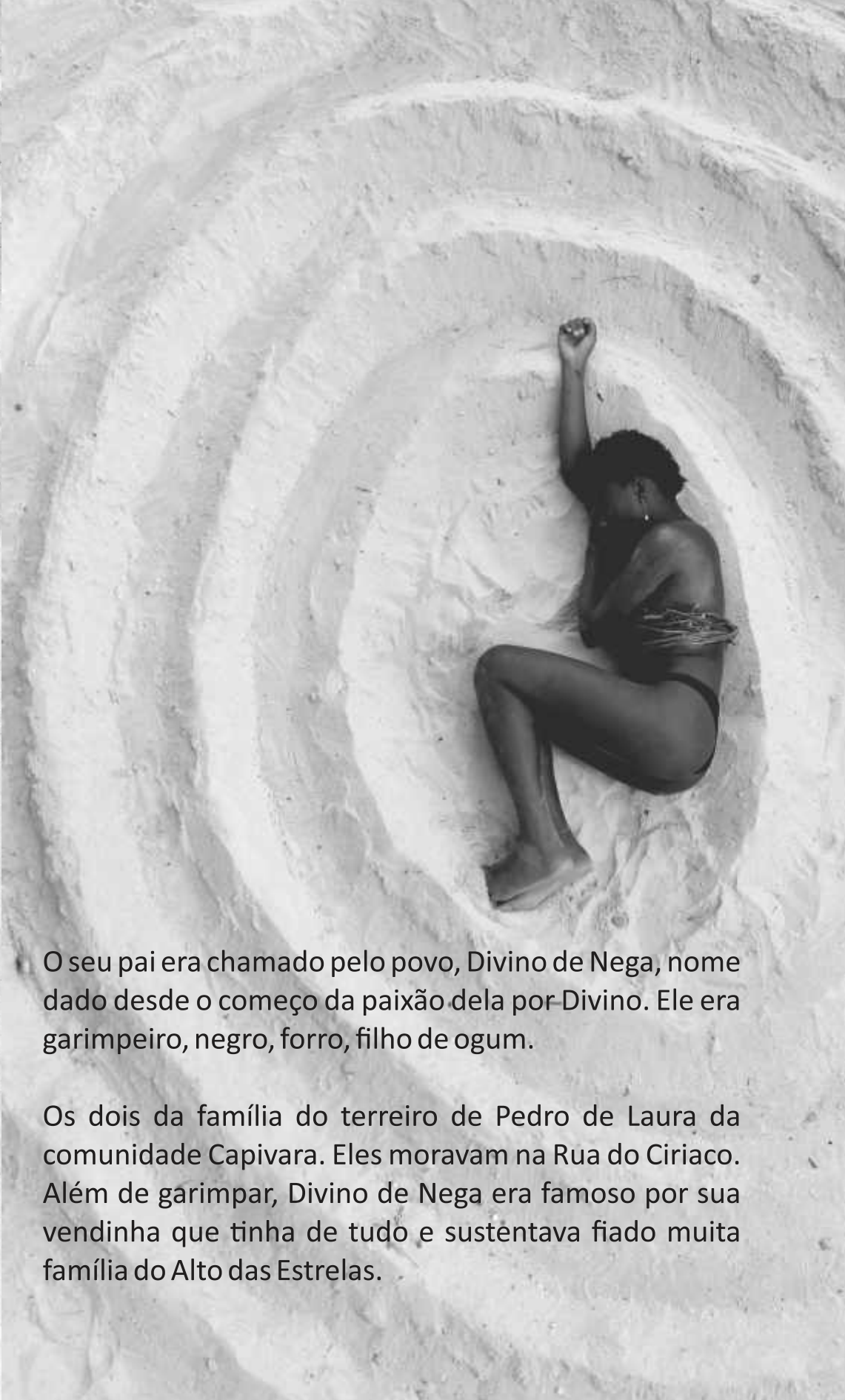
Lillian Pacheco em conversas com Cristina Palazzo, Manoela Ziggiati, Shirlene Paixão, Márcio Caires, Max Elluard, André Sampaio e Lessi Pacheco.





Era uma vez uma menina negra chamada Dinha que nasceu em Lençóis, Chapada Diamantina.

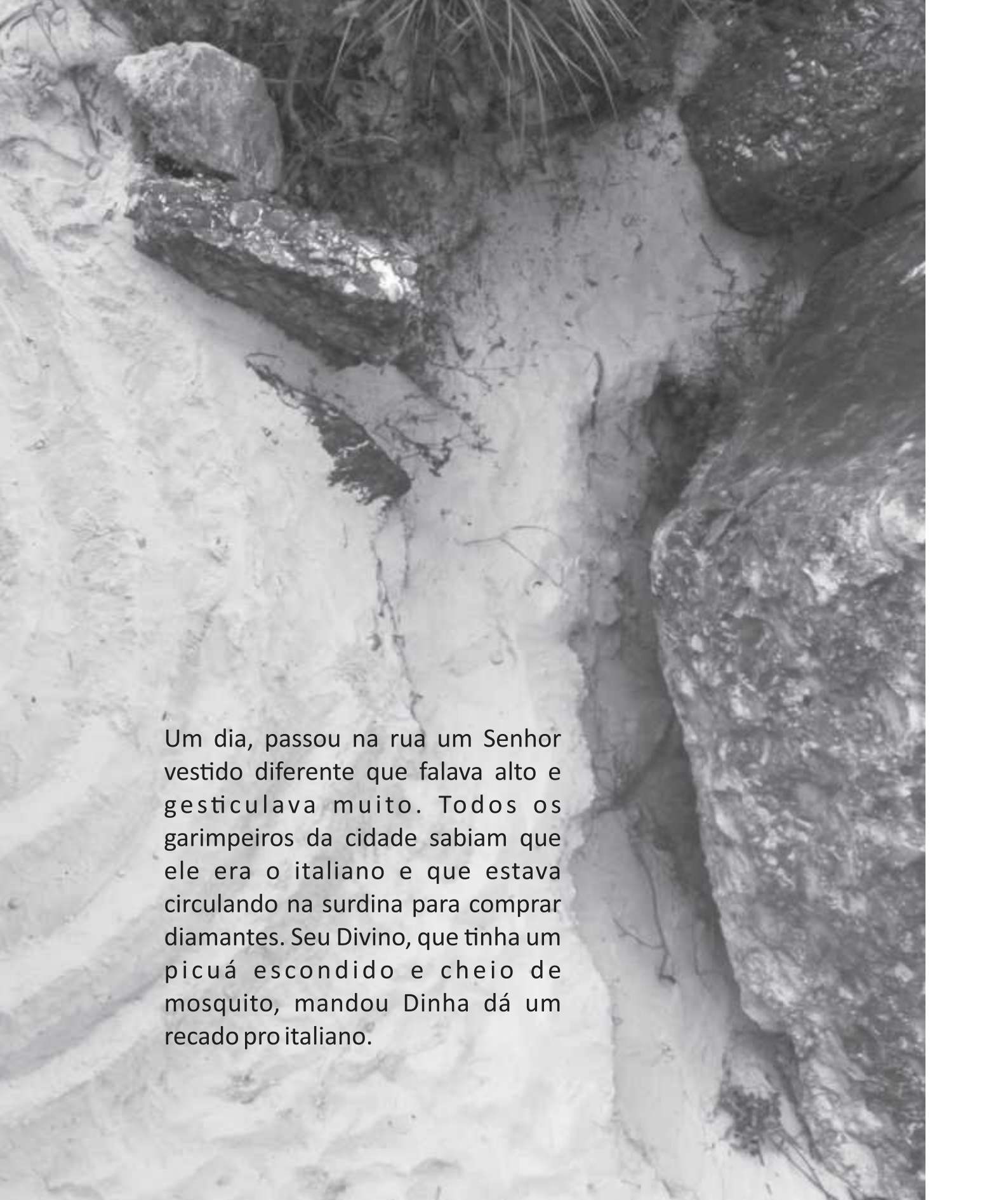
A mãe dela chamava-se Nega e como outras filha de Oiá, era muito imponente e vendia acarajé na Praça das Nagôs para criar seus nove filhos



O seu pai era chamado pelo povo, Divino de Nega, nome dado desde o começo da paixão dela por Divino. Ele era garimpeiro, negro, forro, filho de ogum.

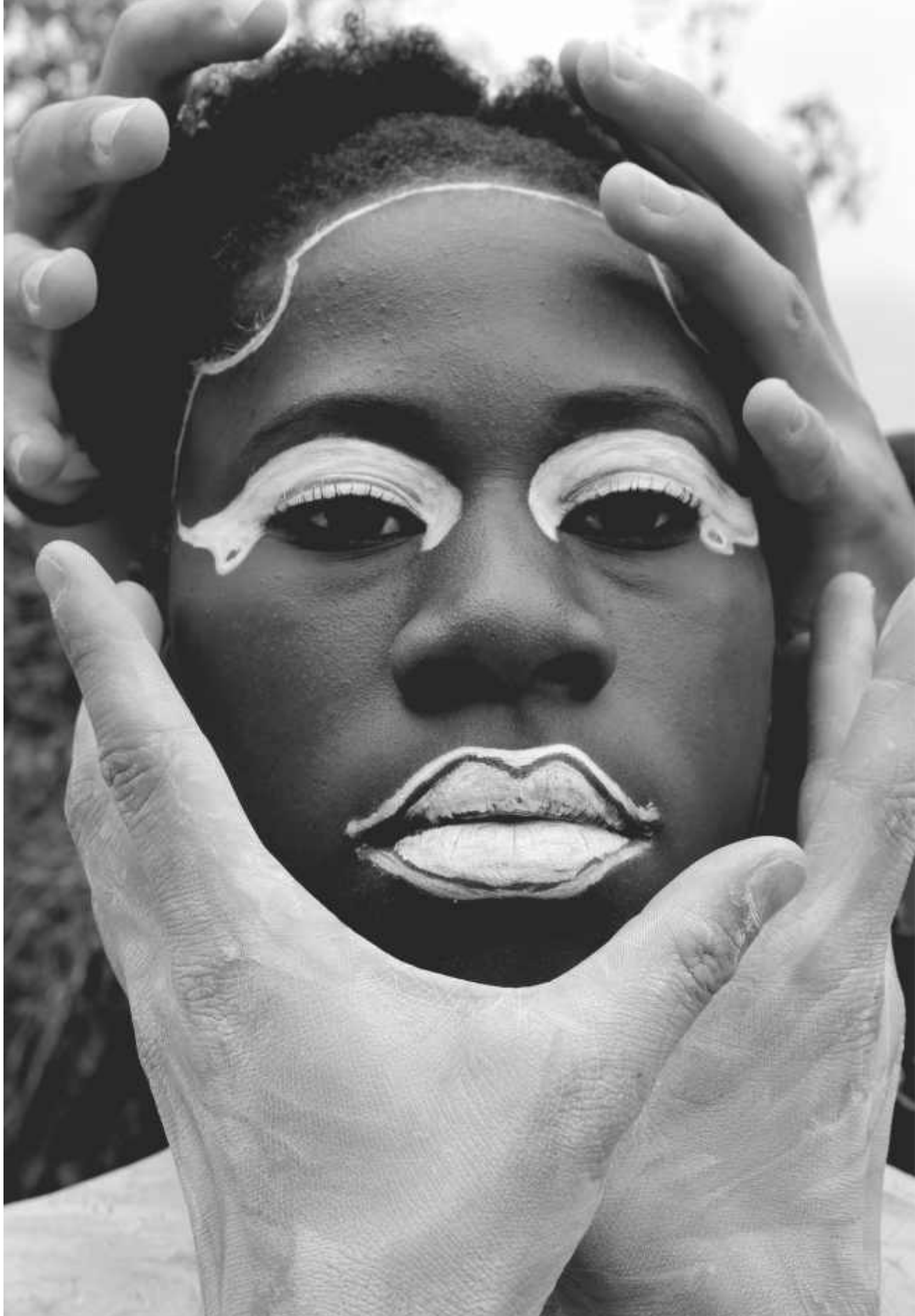
Os dois da família do terreiro de Pedro de Laura da comunidade Capivara. Eles moravam na Rua do Ciriaco. Além de garimpar, Divino de Nega era famoso por sua vendinha que tinha de tudo e sustentava fiado muita família do Alto das Estrelas.



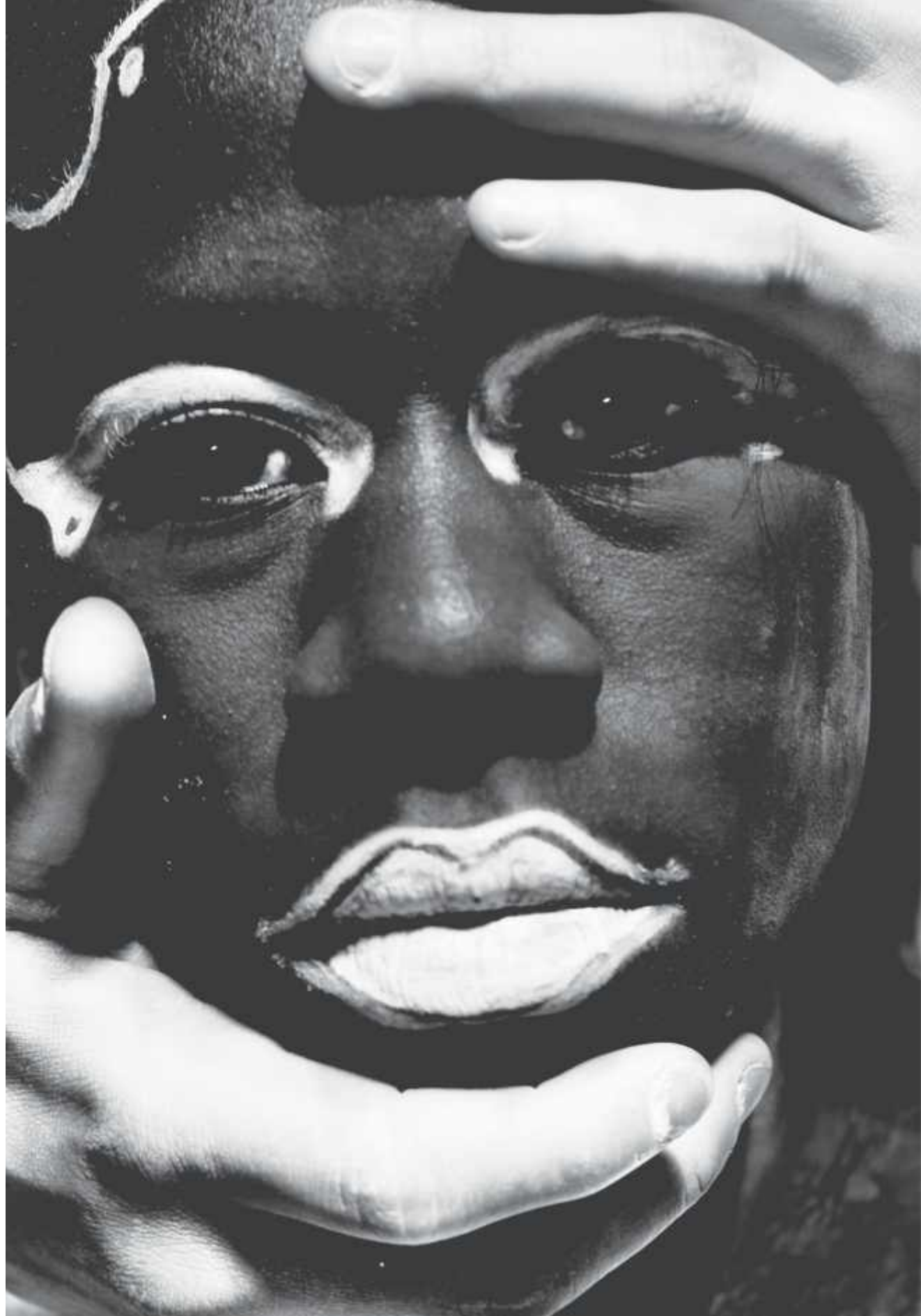
A black and white photograph of a rocky, sandy landscape. The foreground is dominated by light-colored sand and several large, dark, angular rocks. Sparse vegetation, including some grasses and small shrubs, is scattered across the scene. The background shows more rocks and a slightly elevated area with more dense vegetation. The overall tone is somber due to the monochrome palette.

Um dia, passou na rua um Senhor vestido diferente que falava alto e gesticulava muito. Todos os garimpeiros da cidade sabiam que ele era o italiano e que estava circulando na surdina para comprar diamantes. Seu Divino, que tinha um picuá escondido e cheio de mosquito, mandou Dinha dá um recado pro italiano.





Dinha, que já tinha seus doze anos, mas ainda era bem moleca, correu animada com o fazer tão importante que seu pai lhe dera. Toda moleca e moleque da rua sabia que um recado desses era perigo de vida e que tinha que ser dado de um jeito que ninguém entendesse.



Então Dinha tratou de fingir uma brincadeira de bacondê e se esbarrrou em Italiano. Enquanto o homem se arrumava tonto entre o esbarrão e a beleza de Dinha, ela aproveitou e falou:

- A venda da Rua do Ciriaco vende no meio da noite o que o Senhor procura.

Dinha pegou o chapéu do moço no chão, entregou em suas mãos, pediu desculpa e continuou correndo. Italiano agradeceu e fingiu-se incomodado enquanto olhava Dinha com devoção:

- Olha por onde anda menina!



No meio da noite, Italiano bateu na porta da venda de Seu Divino de Nega que atendeu depressa já falando os preços:

- Quinhentos réis a grama, só tem *mosquito*.

- Anda-te põe tutto em mio balança, vou verificar – falou Italiano misturando as línguas.

Dinha estava com a cabeça às vistas na porta da cozinha e os olhos presos nas roupas e nos modos do moço. Italiano atraído pelo olhar doce de Dinha, tirou dez mil réis e disse:

- Por tutto e pela ragazza, digo, pela menina.



O pai olhou para a menina com o olhar seco, parecia sem esperança e sem destino. Mas Dinha viu nos olhos do pai seu caminho, viu que nunca mais seria uma moleca da rua do Ciriaco e deu um salto na sala:

- Eu vou pai, o moço vai cuidar de mim, ele gosta de mim!

- Vou cuidar dela, ma Signore non vai mais vê ela. Farei ela uma Donna. Branca e de rispetto.



Dinha correu para o quarto, pegou suas poucas roupas e uma tira de crina de cavalo que ganhara da mãe quando ela dançava Oiá no terreiro.

- Non leva nada, non serve – Italiano falou com rispidez.



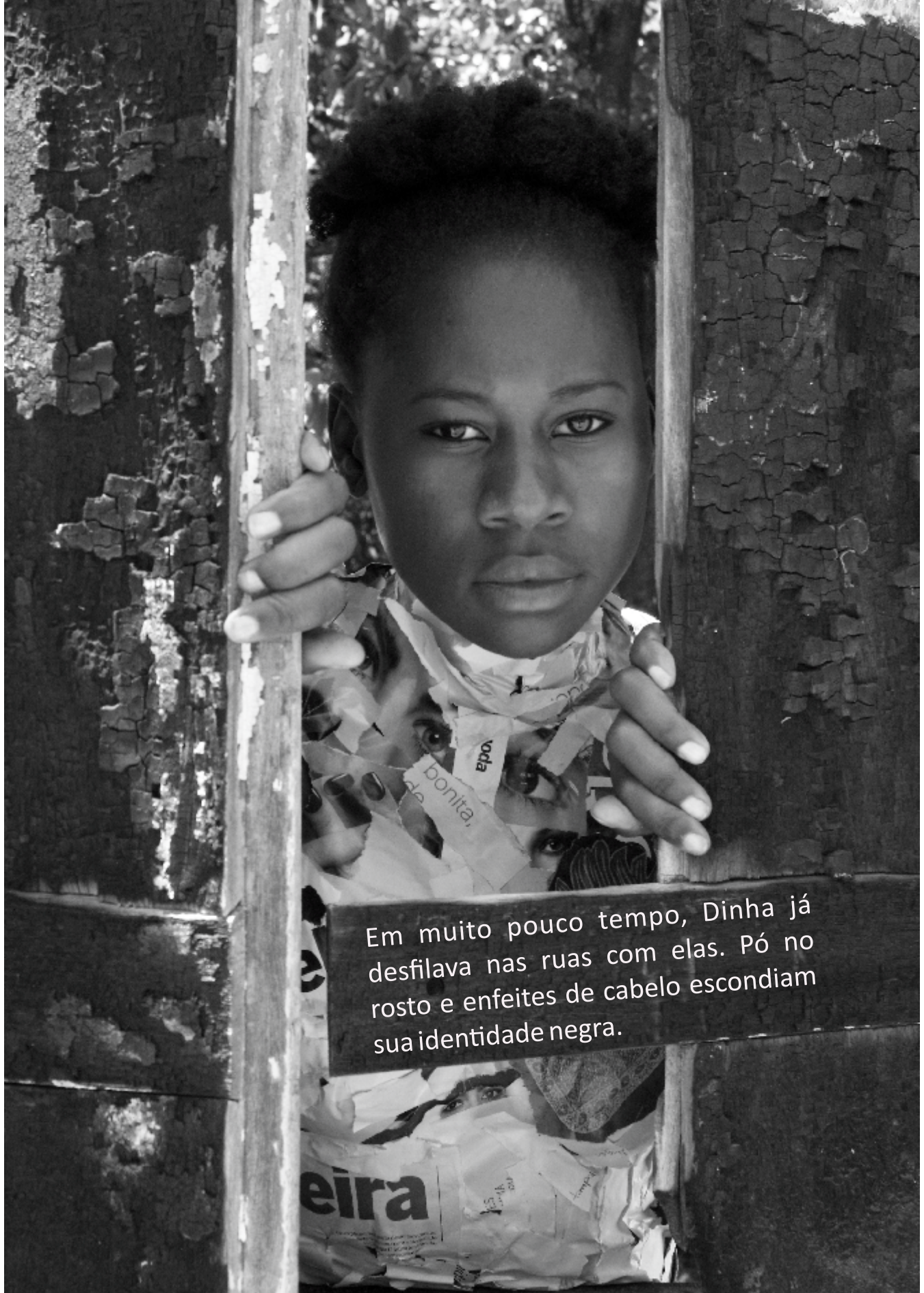
Dinha escondeu a tira de crina de cavalo no busto e largou o resto. Olhou por alguns segundos sua mãe dormindo e pensou -, melhor assim! Ela sabia que a mãe acordada ia mandar Italiano ir embora sem Dinha e sem diamante. Era capaz de bater no homem por sua ousadia de mexer com a filha dela. Pediu a bênção a Seu Divino e se foi sem olhar para traz e sem saber para onde.



Chegou a São Paulo depois de dois dias de barco e cinco dias de trem. Dinha olhava estrangeira aquela terra de ruas pavimentadas, charretes, um carro aqui e outro ali, roupas que se viam uma vez ou outra em Lençóis. Tudo era muito e Dinha não tinha tempo para ver. Parecia uma festa de sinhazinhas nas ruas.







Em muito pouco tempo, Dinha já desfilava nas ruas com elas. Pó no rosto e enfeites de cabelo escondiam sua identidade negra.

eira

bonita

voda

tempo

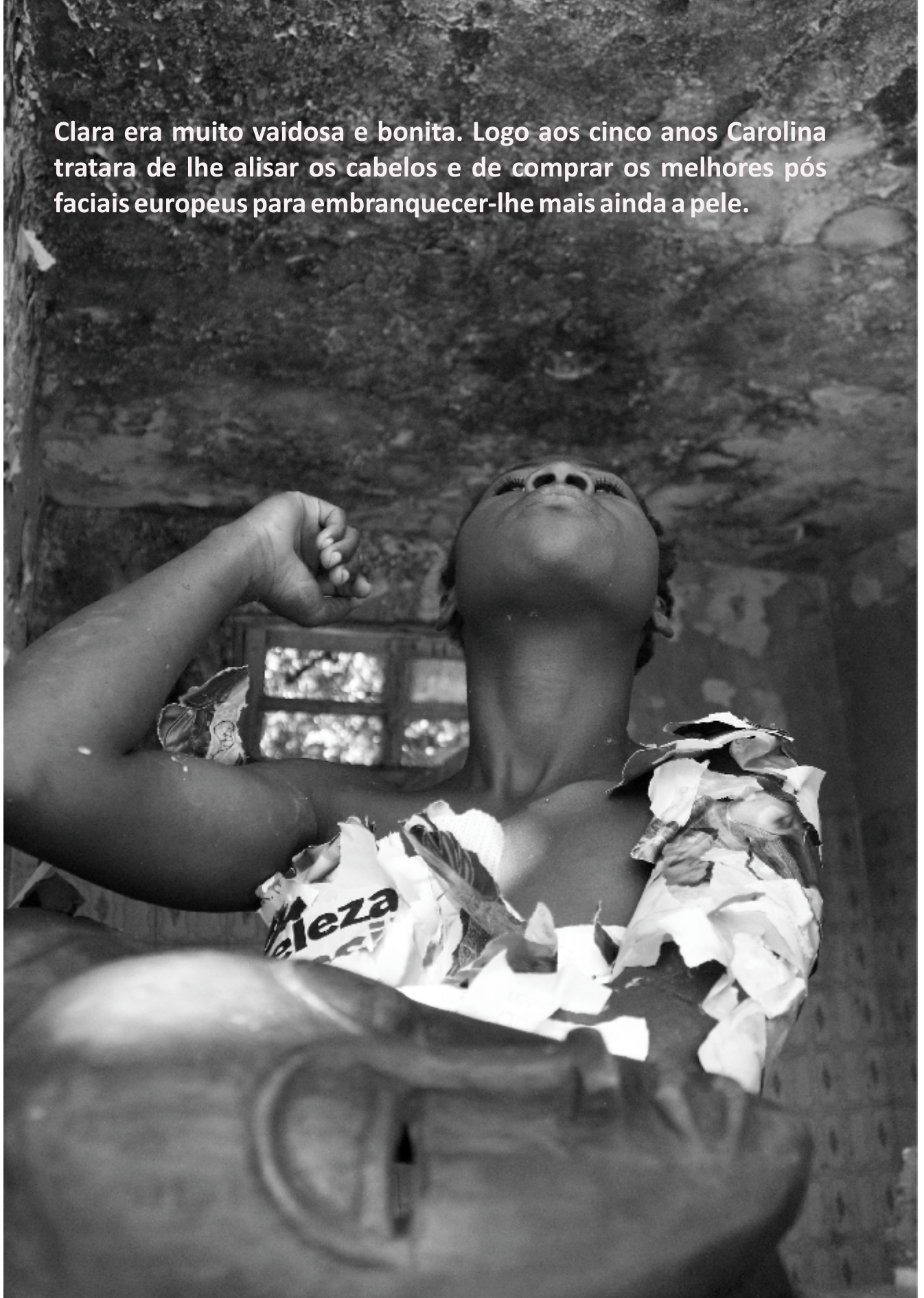
Ganhara o nome de Senhora Palazzo e era muito respeitada pelas negras da casa, dos tabuleiros e das feiras.

Um ano depois paria sua primeira filha que Italiano chamou de Carolina e sem que percebesse as guerras e as mudanças do meio do século, Carolina se casara e paria sua quarta filha Clara, a mais clara das Palazzos.





Clara era muito vaidosa e bonita. Logo aos cinco anos Carolina tratara de lhe alisar os cabelos e de comprar os melhores pós faciais europeus para embranquecer-lhe mais ainda a pele.



Cuidou também de lhe separar da Vó Dinha que ao ficar velha perdia a compostura diante da família do marido e contava histórias antigas sobre seus parentes em Lençóis.

Era tempo de ditadura. Importante manter Clara, impecavelmente, bem vista.





Clara estudara em colégio particular e, como todas as mulheres de sua classe social no final do século, fora para a universidade. Foi lá que conheceu um jovem, neto de italianos que, como o seu bisavô, viera para o Brasil fugindo da primeira guerra. Fugiam do governo fascista, mas eram apoiados pelo governo racista brasileiro que tinha a intenção de embranquecer o povo incentivando a miscigenação entre brasileiros e europeus.



Ela não entendia o que exatamente os ligavam, mas dava o nome de amor e aceitou seu pedido de casamento. Clara casou numa tarde de janeiro e antes de dezembro pesava dez quilos a mais. Cuidava bem do seu marido, suas roupas, suas memórias, seu horário do futebol, todos os detalhes, cuidava da casa, da comida e ainda trabalhava como professora.

Clara era uma mulher cansada e um nó na garganta lhe tirava a vontade de viver. Porém, continuava a alisar seus cabelos, colocar seu pó branco no rosto e cuidar de tudo da casa.

Um dia, Clara teve um sonho. Nega de Oiá toda de vermelho lhe apareceu, colocou a mão em sua cabeça, girou-a para um espelho e lhe disse:

- O que te cala, minha filha, cria uma ferida em tua garganta. Vá aos *home de branco!*







Clara olhou-se no espelho, negra como Oiá, assustou-se. Logo acordou e lembrou das histórias que sua avó havia lhe contado. Do envelope que Dinha havia recebido de seu pai Divino de Nega. Da tira de crina de cavalo de Oiá que Dinha lhe dera escondido antes de morrer dizendo que era tudo que tinha de sua mãe Nega.

Foi ao médico. Descobriu que estava com uma inflamação na borboleta de sua garganta, e que engordava para proteger seu corpo de morrer por tudo que se calava dentro dela.



Clara voltou do médico para casa triste e decidida. Olhou-se no espelho, agora, ativa. Esfregou com força e lavou o pó do rosto. Raspou todo o cabelo se despedindo de cada fio. Seu rosto ressurgia em algum lugar distante, mas em sua direção. Depois arrumou as roupas e todos os objetos do seu marido.

Quando o marido chegou, gritou:

- O que você fez? Virou preta e careca! Você está louca!



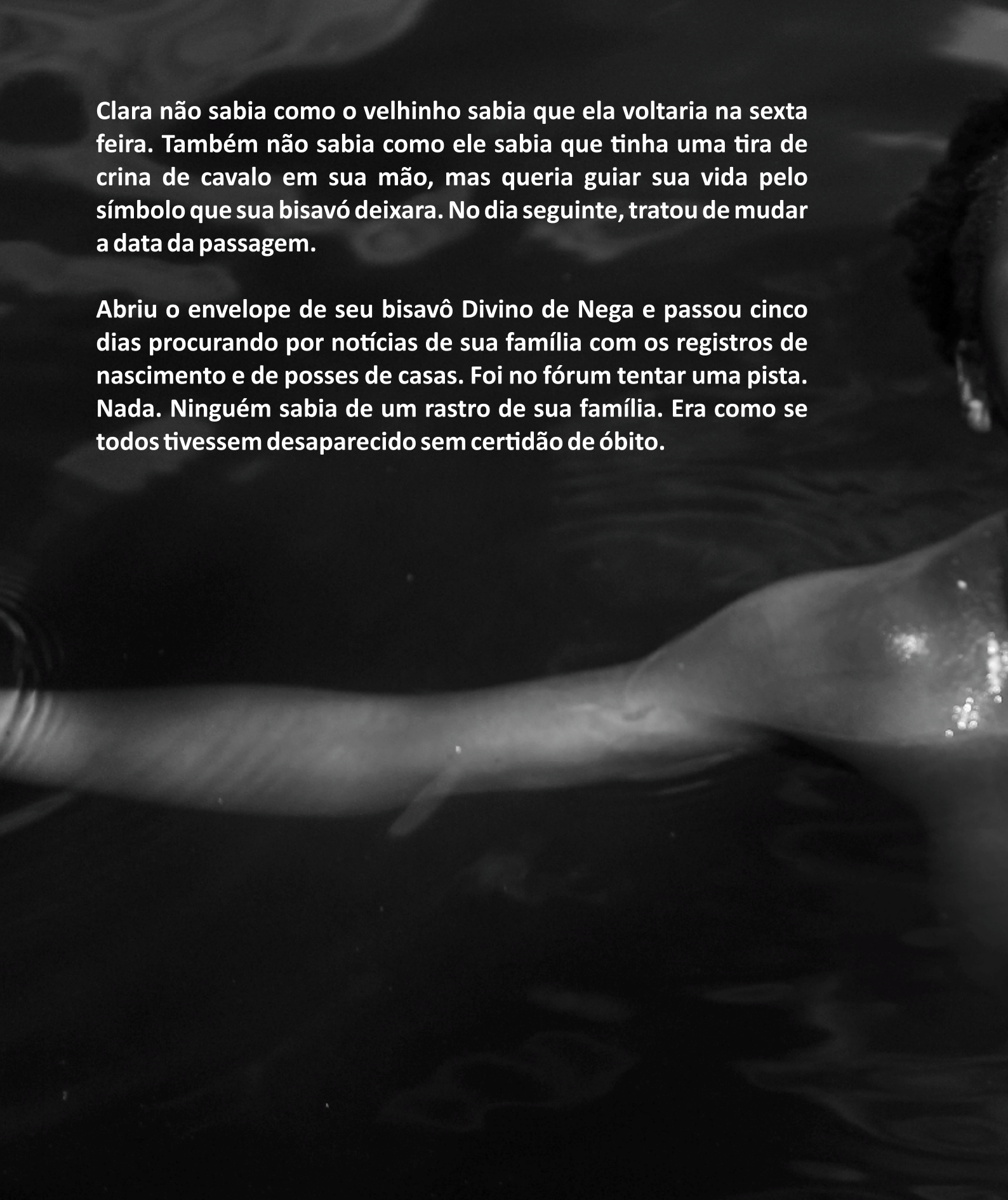
Clara, que suportou de tudo, não suportava grito. Mandou-lhe embora. Lembrou-lhe que a casa e todos os móveis estavam no nome dela e mostrou-lhe as cópias das provas que guardara sobre suas amantes. Explicou que era melhor assim.

No dia seguinte, Clara comprou uma passagem para Lençóis. Chegou à cidade de madrugada. Apertou a tira de crina de cavalo em uma das mãos para lhe dar coragem. Desceu do ônibus na beira do rio e encontrou um velhinho que caminhava por ali:

- O senhor sabe de uma pousada para ficar?

- Fica naquela pousada em frente, minha filha, mas muda sua passagem de volta, porque sábado a gente tem festa nos terreiros da Capivara. Leva essa tira de crina de cavalo que tá em sua mão.





Clara não sabia como o velhinho sabia que ela voltaria na sexta feira. Também não sabia como ele sabia que tinha uma tira de crina de cavalo em sua mão, mas queria guiar sua vida pelo símbolo que sua bisavó deixara. No dia seguinte, tratou de mudar a data da passagem.

Abriu o envelope de seu bisavô Divino de Nega e passou cinco dias procurando por notícias de sua família com os registros de nascimento e de posses de casas. Foi no fórum tentar uma pista. Nada. Ninguém sabia de um rastro de sua família. Era como se todos tivessem desaparecido sem certidão de óbito.



No sábado, Clara foi ao terreiro de Jarê das Capivaras. Era sua primeira vez. Ela já estava com os cabelos crescidos. Cachos pequenos, parecia-lhe uma coroa. Vinte quilos mais magra e já não usava pó branco na pele há meses. Sentia-se negra. Sabia que sua bisavó Nega era de Oiá e que ali deveria ser o terreiro que freqüentara. Era festa da casa mãe. Todas as outras casas traziam seus filhos para as obrigações mais importantes.










Quando o tambor tocou, seu coração disparou. Há muito tempo não lhe ouvia o próprio coração. Era seu olhar identificado e fotografado lado a lado de sua própria máscara.







A black and white photograph capturing a moment of sensory experience. The image shows the back and shoulder of a person with dark skin, adorned with intricate white body paint designs, including a large spiral on the shoulder and a vertical line with a dot on the back. The person's right hand is extended, with fingers gently touching the surface of rippling water. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the ripples in the water. The overall mood is serene and evocative.

Era água fresca debaixo da pele seca.
Um vento fresco por dentro.



Clara, Carolina, Dinha. Era sua imagem no espelho novamente, multiplicada e repetida.





Refletida.

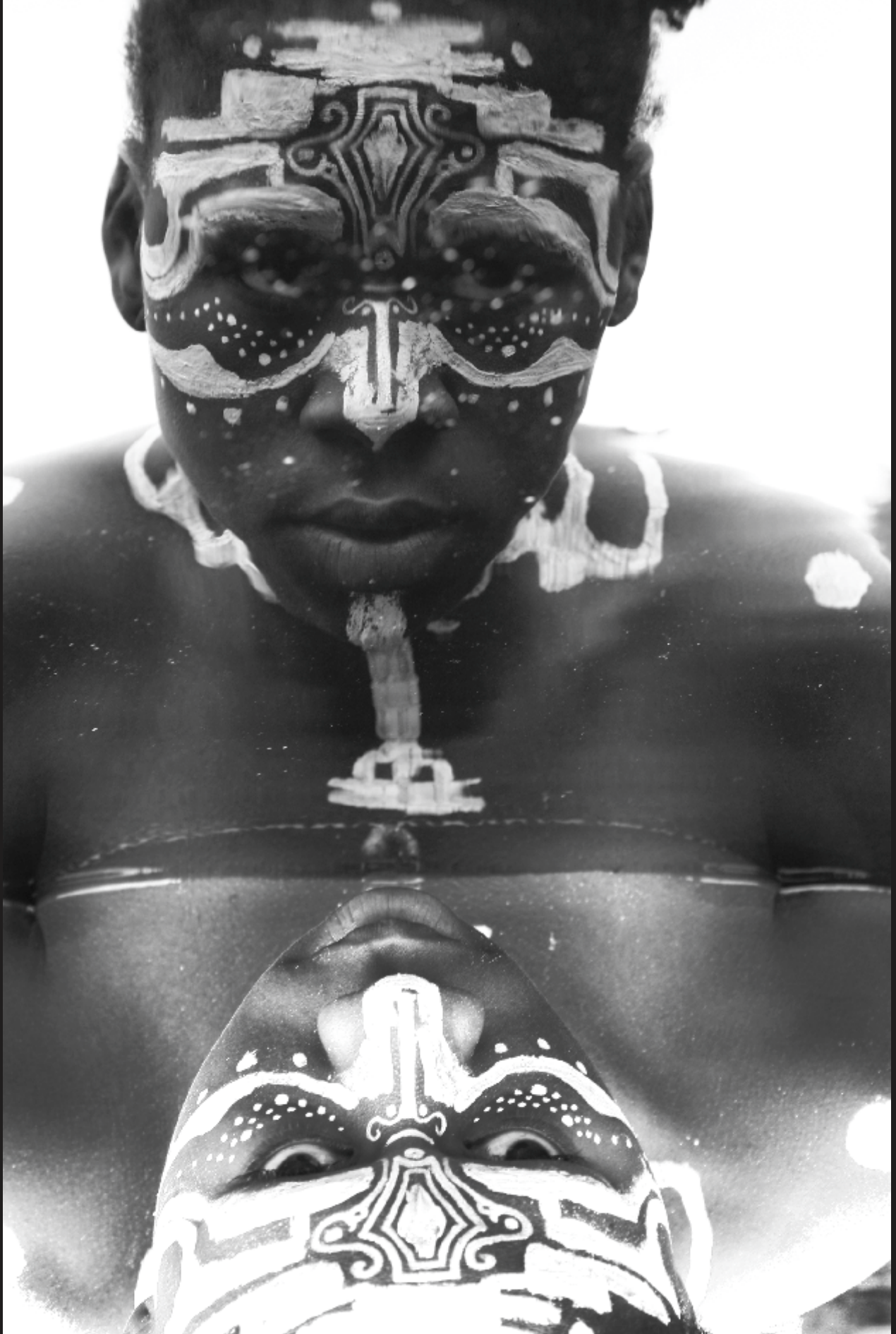


E ela refletia.
- Quem sou?




O ventre lhe pulsava, em volta um vento voluptuoso. A pulsação subia e quando chegava em seu pescoço pressionava e saia como explosões de prazer em seus ouvidos. Não tinha mais controle sobre seu corpo que dançava em ondas, círculos e giros no salão.

Emoção, comoção. Tudo fazia tanto sentido. Ela era a música, o canto, o tambor que lhe percorria o sangue e lhe desenhavam gestos de amor. Por um momento compreendeu as palavras das mulheres que cantavam.



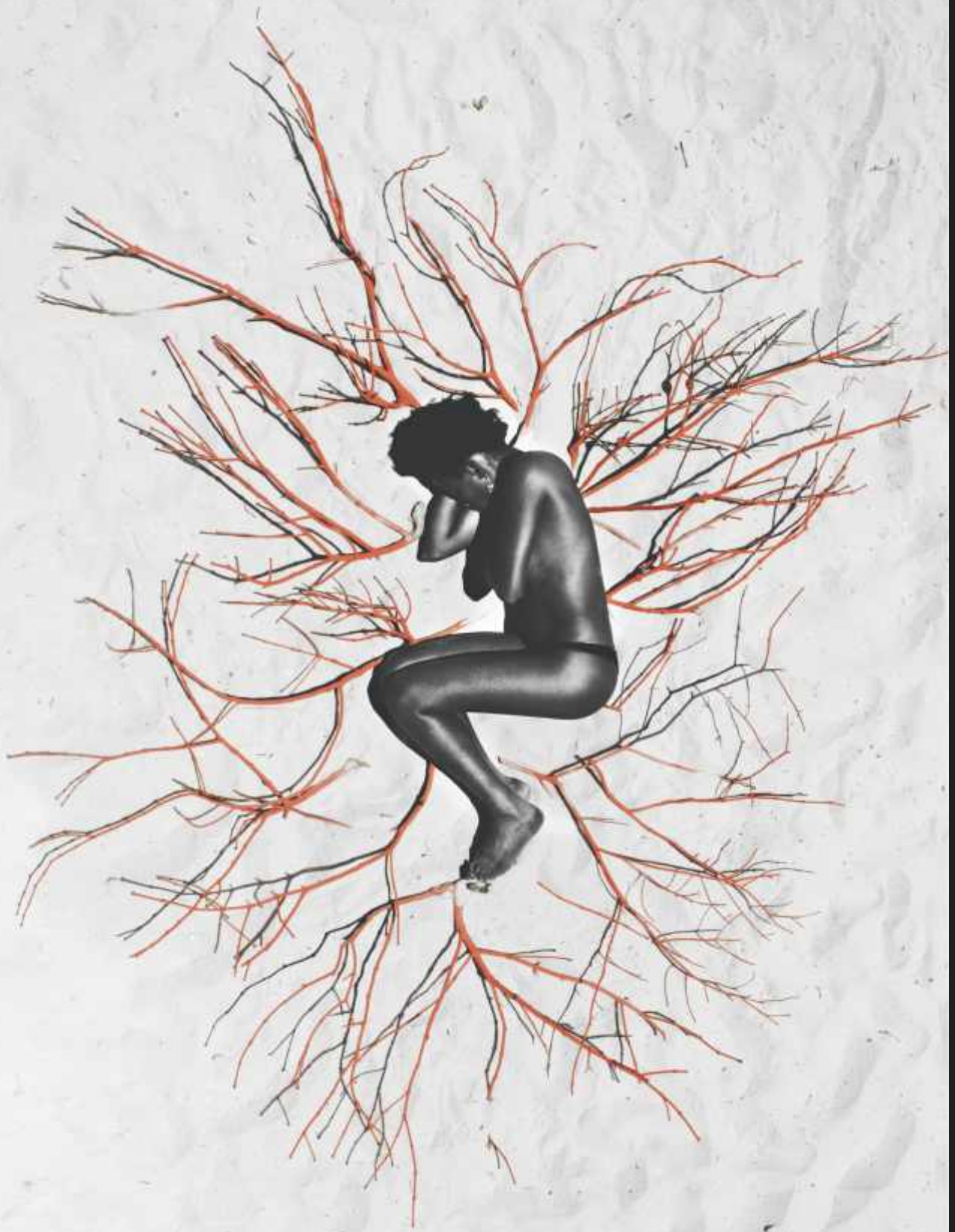


A black and white close-up photograph of a person's face in profile, facing left. The person has dark skin and short, dark hair. Their face is adorned with intricate white body paint. The paint includes thick, wavy lines across the forehead, a series of small dots along the upper cheekbone, and a large, stylized, swirling shape on the lower cheek and jawline. The background is a blurred, textured surface, possibly water or a similar material.

Aquela música. Ouvira Carolina ou
Dinha cantarolar escondida.
- Santa Barbara é italiana...Santa
Bárbara é italiana...

De repente sentiu mais forte o vento quente, a sua volta bisavó Nega de Oiá girava no salão. Uma negra linda e forte, toda vestida de vermelho avermelhando e dançando diante do tambor. Ao seu lado Dinha, menina linda sorrindo, recebia uma tira do rabo de crina de cavalo que Nega amarrava na cintura junto a sua espada *coruscante*.





Nega de Oiá ajoelhou e deitou-se aos pés de Clara Ihe pedindo a bênção diante do tambor.

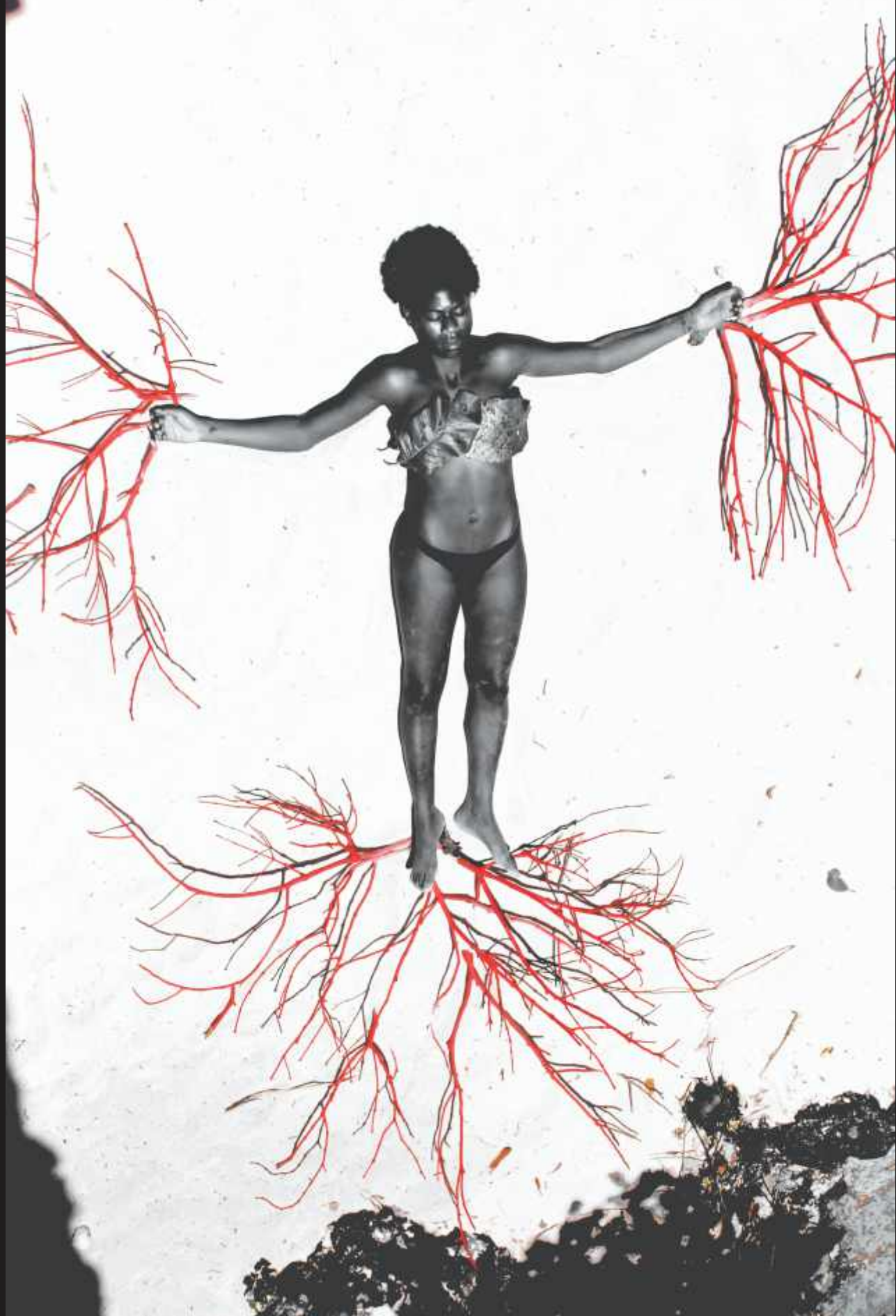
- A bênção e bem vinda minha mãe Clara Negra, você é minha bisneta de sangue, mas aqui em sua casa, em sua família de terreiro sou sua filha. A bênção, minha mãe!



Era a primeira vez que Clara aprendia o amor que seu povo guarda no coração de um tambor.

Palmas, cores, abraços e cantoria. Clara libertou sua beleza. Se iluminou com as raízes de sua consciência negra.

Abençoou sua filha de santo, Oiá, sua bisavó Nega, depois dançou, girou e chorou de alegria.





A autora

Líllian Pacheco é escritora, educadora griô, educadora biocêntrica, assessora em avaliação e planejamento, diretora e produtora cultural, coordenadora de projetos. Criadora da Pedagogia Griô, idealizadora, coordenadora e/ou educadora dos Cursos de Extensão e Pós Graduação em Pedagogia Griô na USP, Unicamp e na UFRJ;

Autora, organizadora e/ou produtora dos livros: “Pedagogia Griô: a Reinvenção da Roda da Vida”, “Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro” referenciados em trabalhos de graduação, mestrado e doutorado na UNICAMP, UFBA, UEFS, UFRJ e UFRRJ; “O Mito do Diamante”, “O Amor e a Amora: as lutas de uma mulher com deus”, “Saber de Parteira”; “O Boi Estrela de Igatu”; “As Filhas de Oiá”, “A Lenda do Pai Inácio: versões e inversões brancas”, “O mito Filtro de Sonhos” e “A Lenda de Pai Inácio ou Kokumo: versões e inversões pretas”; Jogo de Trilha Griô; Autora de Artigos ou entrevistas nas Revistas: Dossie Pedagogia Griô - Diversitas, USP 2015; Forum - 2010; Conhecimento e Cidadania 6 - Tecnologias Sociais vol 2- 2008; RAIZ – 2006, 2007; Nova Escola 2001, 2009; Americana- 2007; Revista Escola Viva SPPC MInC – 2008; Presente – CEAP – 2008; Retrato 2010.

Premiada nacionalmente: Primeiro lugar entre 1834 projetos no Brasil pelo Prêmio Itaú Unicef 2003; Destaque como Ponto de Cultura do Prêmio Cultura Viva – MInC 2007; primeiro lugar entre 800 projetos do Brasil no Prêmio Democratização Cultural - 2008; Educação Patrimonial - IPHAN-BA 2006; Prêmio Escola Viva 2007; Prêmio Aretê - MinC, 2010; Prêmio Tuxaua – MinC, 2010; Prêmio Pontinhos de Cultura - Secult BA, 2014.

Idealizadora e coordenadora do projeto Oficinas Grãos de Luz e Griô (desde 1997) para educação de crianças e jovens, em parceria com Actionaid, Criança Esperança, Programa Monumenta IPHAN, Ministério do Trabalho, Bovespa, ABC Trust – Inglaterra, AGLAE-Suíça, Ong LeNa-Espanha, Espaço Nordeste/Banco do Nordeste; o projeto Trilhas Griôs de Turismo de Base Comunitária (desde 1998) em parceria com a TAM, Programa Monumenta-IPHAN, Ministério do Turismo, Ministério do Trabalho, SETRE - Secretaria do Trabalho da Bahia, Rede Turisol, SEPRIMI- Bahia e SECULT-BA; o projeto Ação Griô Nacional e a Lei Griô (desde 2006) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Secretaria de Cultura da Bahia, Rede Ação Griô Nacional, Comissão Nacional dos Griôs e Mestres; o projeto Griô na Escola, na Internet e na TV (desde 2009) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Fundação Vivo e TV Brasil; o projeto Formação na Pedagogia Griô (desde 1998) e o projeto Universidade Griô (desde 2009) em parceria com a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, a Secretaria de Educação e Cultura de Lençóis, o Ministério da Cultura, Actionaid, UFRJ, USP, UFBA. Participação em entrevistas e matérias sobre os projetos nos jornais “O Estado de São Paulo” – 2003; “A Tarde” – 2001, 2002, 2003, 2004, 2013, 2014; Jornal “O Comércio de Pernambuco” – 2004; Jornal da Galícia – 2005 e 2009; Jornal “Correio da Bahia” – 2003; Diário Oficial do Estado da Bahia – 2003; Jornal O Estado de São Paulo” – 2005, 2007, 2009.

Diretora, roteirista e/ou produtora de 14 aulas espetáculos envolvendo atores sociais de grupos e comunidades tradicionais de todas as idades, com os títulos: Mãe Água; Três Vidas e um Rio; A menina e o menino; Sou Negro; Griô: a tradição viva; A História de Dona Bela; O Mito do Diamante; Heróis e mitos afro-brasileiros; A história da Sanfona; A História da Black Music; A História do Reggae; A Copa (não) vai acontecer; A nossa História; Por amor à vida - Lixão Não! As Filhas de Oiá. Três aulas espetáculos selecionados para representar o Brasil em festivais internacionais e dezesseis festivais regionais.

Pensadora na área de Educação selecionada pelo MinC/ANCINE-2014 para apresentar diretrizes para a comunicação com crianças brasileiras por meio de TVs Comunitárias e TVs Públicas. Produtora, roteirista e ou diretora de mais de 25 vídeos e matérias de programas para veiculação na TV Brasil, TV Futura, TV Globo, TV Cultura, TV Educativa BA, TV Bahia, TV LBV, TiVi Griô sobre educação, cultura e tradição oral. Conferencista sobre a Pedagogia Griô e políticas de cultura, educação, tradição oral e turismo comunitário em diversos fóruns, conferências e congressos regionais e nacionais desde 1998; Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente de Lençóis Ba – 1998 a 2002 e 2015.



Dicionário

Oiá - Na religião Jarê de matriz africana e cultura cabocla e garimpeira da Chapada Diamantina, a mitologia yorubá foi transmitida de geração a geração. Nesta mitologia, Oiá é também conhecida como Iansã. Mas com o sincretismo da região também é chamada de Santa Bárbara. É uma divindade relacionada ao elemento ar que controla os ventos e usa roupas vermelhas. Sua comida favorita é o acarajé.

Bacondê - Na Chapada Diamantina, é uma brincadeira de pega pega de criança que ocorre geralmente na rua.

Mosquito - Diamante pequeno

Coruscante - Faiscante

Home de branco - Médico



Projeto gráfico, Márcio Conceição da Silva, Márcio Pial, 30 anos, artista gráfico, analista de sistemas, fotógrafo e técnico em produção audiovisual - Desde os 14 anos estou no Grãos, fiz cursos em produção de papel reciclado, informática, economia solidária, design gráfico, audiovisual, web design, fotografia e manutenção de computadores. Com o apoio do Grãos fiz estágios em Salvador e Lençóis e graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas-UNOPAR. Me tornei vice presidente e coordenador de projetos da Associação do Palácio de Ogum, do Jarê, religião afro-brasileira da Chapada Diamantina e passei a ser coordenador e educador de artes gráficas, comunicação social e manutenção dos computadores do Grãos de Luz e Griô, realizando a comunicação gráfica de encontros e congressos da Rede Grãos de Luz e Griô, Rede Ação Griô e Rede Trilhas Griôs e o projeto gráfico/edição/finalização/tratamento de imagens dos livros "Saber de Parteira", "Estrela de Igatu", "Receitas Culinária de Raiz", "A Lenda do Pai Inácio", "A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo", "Poesias Musicais", "Cinema no Interior etapa Bahia", "O Amor e a Amora", "Nação Griô".



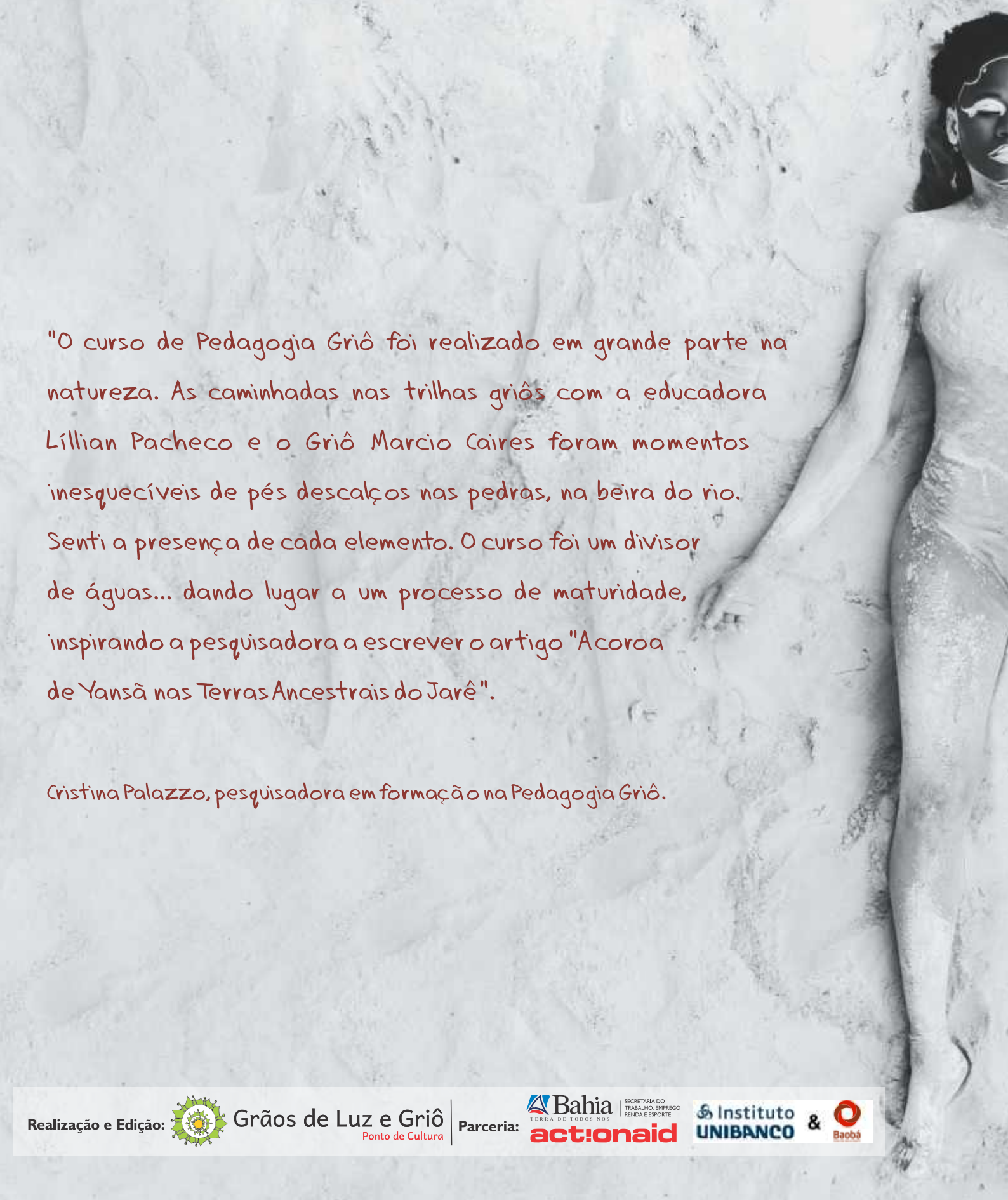
Fotografia, Lola Perez, 22 anos, sou apaixonada pela fotografia analógica. Dirigi a fotografia, edição e produção do filme "Dysphoria" com estudantes de cinematografia premiado no festival de cinema San José State University. Fiz graduação de curto prazo em fotografia na California - EUA. Desde 19 anos realizo intercâmbio no Grãos de Luz e Griô em fotografia e produção cinematográfica para cds, folders e facebook dos projetos das oficinas das crianças e das trilhas griôs.



Fotografia, Ciro Pacheco Caires, 18 anos, sou fotógrafo e técnico em produção audiovisual. Desde os 12 anos iniciei formação no Grãos editando meu primeiro vídeo - A caminhada do Velho Griô. Aos 14 anos, participei na assistência de produção do filme "O Duplo"-Itinerante Filmes premiado no México e Espanha. Fiz fotografia no filme do Grãos "A Lenda do Pai Inácio ou kokumo"- Mont Serrat Filme premiado no Festival Cinema no Interior - BA. Fiz fotografia, direção e ou edição de vídeos de encontros, espetáculos e atividades do Grãos: II Encontro Rede de Turismo Comunitário e Economia Solidária do Brasil, Encontro Semeando Águas do Paraguaçu, III Encontro Nacional GeoBRheritage, "Por amor a Vida Lixão Não", "Historias de vida", "Breve Historia da Comunidade do Jequi.



Modelo Fotográfico, Rose Lane Santos, 18 anos, sou dançarina, atriz, mamulengueira e griô aprendiz em iniciação. Participo do Grãos desde 10 anos de idade com as seguintes atuações: dancei no Festival Internacional de Artes Populares em 5 cidades da Espanha, fui protagonista do filme "O Mito do Diamante", dançarina, atriz, contadora de histórias e mamulengueira nos espetáculos do Grãos em 5 Festivais de Lençóis, "O Mito do Diamante", "A Historia da Sanfona", "A Historia do Reggae" e "Queremos Enegrecer"; nos espetáculos em 5 escolas municipais de Lençóis "Tampinhas Brincantes", "Poesias para Crianças (Vinicius de Moraes e Cecília Meireles)", "Três Vidas e um Rio" e "As Filhas de Oiá"; e nos espetáculos apresentados no Centro Cultural Casa Afrânio Peixoto "Nossa Historia", "A copa (não) vai acontecer", "Por amor a vida, lixão não". Sou atriz e dançarina no espetáculo "O amor e a amora" em diversos palcos em Lençóis e Igatu, Festival Negra América em Salvador, e Caravana de Teatro em Utinga. Em 2015 participei da Mostra de Dança de Lençóis, Jornada de Dança da Bahia e facilitei oficina de teatro e vivências da pedagogia griô para crianças e jovens no Grãos de Luz e Griô.



"O curso de Pedagogia Griô foi realizado em grande parte na natureza. As caminhadas nas trilhas griôs com a educadora Lillian Pacheco e o Griô Marcio Caires foram momentos inesquecíveis de pés descalços nas pedras, na beira do rio. Senti a presença de cada elemento. O curso foi um divisor de águas... dando lugar a um processo de maturidade, inspirando a pesquisadora a escrever o artigo "Acoroa de Yansã nas Terras Ancestrais do Jarê".

Cristina Palazzo, pesquisadora em formação na Pedagogia Griô.

Realização e Edição:



Grãos de Luz e Griô
Ponto de Cultura

Parceria:



Instituto
UNIBANCO

